

A IMAGINAÇÃO HISTÓRICA DA SOCIOLOGIA¹

*Theda SKOCPOL*²
*Richard MISKOLCI*³

“Toda ciência social, ou melhor, todo estudo social reconhecido, requer uma extensão histórica de concepção e um uso completo de materiais históricos.”

C. Wright Mills (1959, p.145)

De uma forma básica, a sociologia sempre foi uma empreita fundada e orientada historicamente. Como comentadores sábios apontaram várias vezes, todas as ciências sociais, e especialmente a sociologia, originalmente foram esforços para alcançar as raízes e os efeitos sem precedentes da comercialização e industrialização capitalista na Europa. O que levou ao dinamismo especial da Europa em relação à outras civilizações e de algumas partes da Europa comparadas entre si? Como desigualdades políticas, conflitos políticos, valores morais e vidas humanas foram afetados pelas mudanças sem precedentes na vida econômica? Sociedades capitalistas industriais fragmentar-se-iam ou gerariam novas formas de solidariedade e satisfação para seus membros? Como as mudanças procederiam no resto do mundo sob o impacto da expansão européia? As maiores obras daqueles que viriam a ser considerados os fundadores da sociologia moderna, especialmente as de Karl Marx, Aléxis de Tocqueville, Emile Durkheim e Max Weber, lidavam com tais questões.⁴ Em graus variados, todas ofereciam conceitos e explicações para serem utilizados em análises realmente históricas das estruturas sociais e da mudança social.

Estudos sociológicos realmente históricos têm algumas ou todas as características seguintes. De forma fundamental, eles levantam questões sobre estruturas soci-

¹ O original inglês *Sociology's historical imagination* foi publicado como introdução a *Version and Method in historical sociology*. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1984, p.1-21. A *Estudos de Sociologia* agradece a Theda Skocpol e a Cambridge University Press pela autorização para a publicação da tradução.

² Professora de Sociologia e Governo – Universidade de Cambridge – Cambridge – CB2 2RU – UK. (Agraciada com o Prêmio Wright Mills).

³ Tradução – Departamento de Ciências Sociais – UFSCar – 13565-905 – São Carlos – SP

⁴ Veja as discussões em A. Giddens, *Capitalism and Modern Social Theory*, 1971; P. Abrams, *Historical Sociology*, 1982, cap. 1-4; R. Nisbet, *The Sociological Tradition*, 1966; G. Poggi, *Images of Society*, 1972 e N. J. Smelser e R. S. Warner, *Sociological Theory*, 1976, parte 1.

ais ou processos compreendidos como concretamente situados no tempo e no espaço. Segundo, eles se referem a processos no tempo e seguem seriamente seqüências temporais em busca das conseqüências. Terceiro, a maioria das análises históricas acompanha a inter-relação de ações significativas e contextos estruturais de forma a permitir a compreensão das conseqüências inesperadas e também das pretendidas nas vidas individuais e nas transformações sociais. Finalmente, estudos sociológicos históricos evidenciam os detalhes **particulares e variáveis** de formas específicas de estruturas sociais e padrões de mudança. As diferenças sociais e culturais, junto com processos temporais e contextos, são intrinsecamente de interesse para sociólogos orientados historicamente. Para eles, o passado do mundo não é visto como uma história de desenvolvimento unificado ou um conjunto de seqüências padronizadas. Ao contrário, compreende-se que grupos ou organizações escolheram ou caíram em ritmos variados no passado. Escolhas “anteriores”, por sua vez, limitaram e criaram possibilidades alternativas para mudanças futuras levando a um determinado fim.

Certamente, alguns dos fundadores da sociologia buscaram mais do que outros explicar seqüências particulares de eventos históricos, e alguns fundadores, ou seus seguidores, voltaram-se mais prontamente do que outros para o estabelecimento de generalizações transhistóricas e esquemas teleológicos. Assim, falando claramente, Tocqueville e Weber – e Marx em seus ensaios sobre eventos correntes – foram mais “históricos” no sentido que eu especifiquei do que Durkheim ou Marx em seus escritos filosóficos. De qualquer forma, cada um dos fundadores tinha o compromisso de compreender as mudanças-chave e os contrastes de sua própria época de forma que ele era um analista social historicamente orientado de acordo com ao menos alguns dos critérios básicos mencionados acima.⁵ Nenhum dos fundadores jamais foi completamente levado por uma filosofia da evolução universal, por uma conceituação formal ou por uma abstração teórica por ela mesma. Cada um devotou-se repetidamente em situar e explicar as estruturas sociais européias modernas e os processos de mudança.

O eclipse parcial da sociologia histórica

Apesar das raízes nas obras de seus fundadores, na época em que a sociologia se tornou completamente institucionalizada como uma disciplina acadêmica nos Estados Unidos, depois da Segunda Guerra Mundial, sua orientação e sensibilidade

⁵ Durkheim é o fundador mais freqüentemente considerado a-histórico, mas veja Bellah, 1959, p.447-61. Para discussões dos outros fundadores como analistas historicamente orientados consulte especialmente Richter, 1969, p.129-60; Smelser, 1971, p.19-48; Warner, 1971, p.49-74; Krieger, 1960, p.355-78; Hobsbawm, 1973, p.265-83; Bendix, 1960; Roth, 1971, p.75-96 e Zaret, 1980, p.1180-201.

históricas foram parcialmente eclipsadas. Pesquisadores importantes como Robert Bellah, Reinhard Bendix e Seymour Martin Lipset continuaram a fazer trabalho histórico na tradição direta dos fundadores,⁶ mas os paradigmas teóricos e empíricos mais prestigiosos romperam com a tradição. O anti-historicismo da “grande teoria” e do “empiricismo abstrato” foi lamentado por C. Wright Mills em *A Imaginação Sociológica*, seu dissenso apaixonado das tendências estabelecidas na sociologia norte-americana dos anos 1950.⁷ Ainda que Mills apontasse que investigações qualitativas de problemas sociais podiam exibir a mesma negligência com relação aos contextos temporais e estruturais, o anti-historicismo empiricista foi especialmente exemplificado no relato de Mill de estudos quantitativos de padrões sociais específicos, nos quais as realidades norte-americanas do momento eram tratadas ingenuamente fora de seus contextos como modelos para toda a vida social humana. No lado oposto, ainda que complementar, está Mills, com o extremo da prática sociológica de seus dias, segundo quem o anti-historicismo da grande teoria foi supremamente epitomizado em *O Sistema Social*, de Talcott Parsons, publicado em 1951 (PARSONS, 1951). Aquela obra prestigiada apresentou uma série de categorias abstratas pelas quais todos os aspectos da vida social, sem considerar as eras e lugares, podiam ser classificados e supostamente explicados nos mesmos termos teóricos universais.

O Sistema Social elaborou um edifício teórico irresistivelmente devotado em dar conta do equilíbrio social com pequenos acenos para os fenômenos da mudança social. Mas Parsons era um teórico tão grande, e o funcionalismo estrutural tão ambicioso como visão de mundo e abordagem de pesquisa, que não podia deixar de levar em conta mais diretamente aspectos da transformação social. Teorias evolucionistas do “desenvolvimento” e da “modernização” proliferaram no final dos anos 1950 e nos anos 1960, todas elas tratando a “diferenciação social” como a chave principal para classificar e ordenar todos os tipos de sociedade e avaliar transformações de ordens sociais tradicionais para modernas.⁸ Dada a hegemonia dos Estados Unidos na ordem internacional após a Segunda Guerra Mundial, e dada a rivalidade da Guerra Fria entre os EUA e a União Soviética, talvez não tenha sido surpreendente que todas as teorias de mudança social como modernização mapearam linhas padronizadas de mudança pelas quais, mais cedo ou mais tarde, viriam a passar todas as nações em desenvolvimento. No devido tempo, elas viriam a se parecer com o que os Estados Unidos tinham felizmente conceituado ser nos anos 1950 e início dos anos 1960: crescendo economicamente e, em termos de inovação, altamen-

⁶ Veja Bellah, 1970; Bendix, 1974 e Lipset, 1950.

⁷ Mills, 1959, cap. 2 e 3.

⁸ Para exemplos importantes veja Smelser, 1963, p.32-54; Levy Jr, 1966; Parsons, 1964, p.339-57; Parsons, 1966; Deutsch, 1961, p.493-514; Almond, 1965, p.183-214 e Almond & Powell Jr, 1966.

te educado e voltado para resultados, plural em termos políticos e, de forma pragmática, não ideológico.

Enquanto isso, na União Soviética, leituras stalinistas da grande teoria marxista já tinham estabelecido um espelho invertido desse esquema evolutivo. Na versão soviética da modernização o progresso econômico inevitavelmente levou todas as nações para estágios estabelecidos.⁹ Cada estágio era um modo de produção com seu nível tecnológico característico e padrões associados de dominação e conflito de classe. As nações passariam por estágios sucessivos em direção a uma ordem “socialista” sem classes e chegaria, por fim, a uma utopia “comunista” livre de conflitos.

Este não é o lugar para discutir em detalhes como e por quê. Ainda entre os anos cinqüenta e sessenta e os anos oitenta, as visões de mundo implícitas corporificadas nas versões estática e desenvolvimentista do funcionalismo estrutural foram consideradas menos significativas pelas reverberações dos conflitos políticos dentro dos Estados Unidos e por todo o globo. Leituras econômico-deterministas e evolucionistas lineares do marxismo também perderam qualquer apelo que elas já tenham tido para a maioria dos intelectuais ocidentais. No entanto, ao mesmo tempo, diferentes versões de idéias marxistas, expressando consciência de classe, processos históricos e o papel variável de estruturas culturais e políticas, se tornaram atraentes para jovens pesquisadores procurando formas para criticar ortodoxias científicas sociais. Não apenas Antonio Gramsci, o marxista ocidental historicamente orientado, ganhou em visibilidade e popularidade, mas os próprios escritos de Marx também foram seletivamente reexaminados para canalizar suas fontes para lidar com questões de consciência e de luta política.¹⁰

Durante esse mesmo período, as idéias de Aléxis de Tocqueville e, especialmente, de Max Weber também alcançaram um interesse renovado para estudantes da mudança social e das estruturas sociais comparativas. Colocado de forma simples, as pessoas voltaram-se para as obras ou leituras de sociólogos clássicos que poderiam melhor ajudá-las a reintroduzir o interesse pela variedade sociológica, processos temporais, eventos concretos e a dialética de ações significativas e determinantes estruturais em explicações macrosociológicas e de pesquisa. Para esses fins, as idéias metodológicas e as obras históricas de Max Weber são particularmente relevantes, então não é nada surpreendente que a pequena *coterie* de sociólogos que, em 1982 e

⁹ Uma afirmação ortodoxa da teoria da “modernização” soviética aparece em Stalin, 1940, que foi reimpresso por Franklin, B. (Ed.) *The Essential Stalin*, 1972. Para um precursor, veja Bukharin, 1969.

¹⁰ O livro de Perry Anderson: *Considerations on Western Marxism*, 1976, discute o desenvolvimento das teorias marxistas ocidentais no século XX. Para um dos textos mais populares do marxismo ocidental, consulte Antonio Gramsci, *Selections from the prison notebooks*, 1971. Sobre o revival das idéias marxistas entre os jovens sociólogos, veja Michael Burawoy, 1982, p.1-30.

1983, lançou uma nova seção da Associação Sociológica Americana se dedicou a incentivar a Sociologia Histórica e Comparativa, devotou seus primeiros esforços à reconsideração de temas do *corpus* teórico de Weber.

A essência é o *revival* dos clássicos?

Se as reconsiderações de Weber foram a essência do interesse crescente na teoria e pesquisa historicamente orientadas na sociologia contemporânea, esse interesse poderia ser tratado simplesmente como um *revival* intelectual. O interesse renovado nos escritos históricos de Weber poderia ser visto como acompanhado, e aprofundado, uma desparsonização de nossa compreensão das suas idéias, essencialmente o tipo de projeto ao qual Anthony Giddens e Randall Collins devotaram esforços significativos.¹¹ Poderíamos falar, por um lado, de uma era de interpretação histórica weberiana tomando o bastão da explicação macrosociológica de Durkheim e Parsons e, por outro, de agarrá-la dos braços dos vários neomarxistas. E assim seria.

Há comentadores capazes que advogam essa forma de compreensão sobre o que significa o interesse crescente em trabalho histórico na sociologia.¹² Outros responderiam a esta identificação da sociologia histórica com o legado de Weber construindo as sociologias históricas durkheiminiana e marxista como alternativas ou suplementos.¹³ No meu ponto de vista, a sociologia histórica é melhor compreendida como uma tradição contínua de pesquisa, sempre renovada, devotada para a compreensão da natureza e dos efeitos de estruturas de larga escala e processos fundamentais de mudança. Os desejos de responder a questões historicamente embasadas, e não a paradigmas teóricos clássicos, são a força diretiva. Com certeza, sempre houve e sempre haverá sociólogos que não questionam ou buscam responder questões macroscópicas, historicamente fundamentadas. Ainda que ninguém consiga ignorar contextos estruturais e históricos, nem todos os sociólogos precisam investigar diretamente assuntos como as origens e o desenvolvimento do capitalismo e das nações-Estado; a expansão de ideologias e religiões; as causas e conseqüências das revoluções,

¹¹ Veja: Giddens, 1980, p.945-52 e Collins, 1975.

¹² Veja, em especial: Ragin & Zaret, 1983, p.731-54. Mais adiante, no capítulo que conclui este livro (*Vision and Method in Historical Sociology*), eu discuto as posições de Ragin e Zaret.

¹³ Com efeito, Robert Bellah e aqueles que trabalham com ele estão perseguindo uma espécie de sociologia histórica durkheiminiana e o livro de Jeffrey Alexander, *Theoretical Logic in Sociology*, 1982-1984 pode estar estabelecendo as bases para outra vertente deste mesmo empreendimento. Sociologias históricas marxistas têm sido advogadas, entre outros, por Eric Hobsbawm, "From Social History to the History of Society", 1971, p.20-45; e G. S. Jones, "From Historical Sociology to Theoretical History", 1976, p.295-304. Alguns considerariam Charles Tilly e seus colaboradores como praticantes de uma certa sociologia histórica marxista.

e a relação de transformações econômicas e geopolíticas com os destinos de comunidades, grupos e tipos de organizações. Além disso, com certeza houve momentos em que muitos pesquisadores interessados em questões macroscópicas tentaram utilizar modos anti-históricos de lidar com elas. A breve credibilidade do funcionalismo estrutural parsoniano como uma teoria abrangente da sociedade foi um desses momentos.

Mas as realidades da vida social moderna são tão fundamentalmente enraizadas em conflitos da época e mudanças nas comunidades, regiões, nações e no mundo como um todo que os sociólogos nunca pararam – e nunca quererão parar – de criar teorias e interpretações novas para enfatizar a variedade de estruturas sociais, as limitações da época e as possibilidades alternativas de mudança, as intersecções de contextos estruturais e experiências de grupo e o desdobramento de eventos e ações no tempo. Realmente, análises orientadas historicamente na sociologia tendem a ser especialmente atraentes em períodos como o nosso em que no mundo como um todo – para os líderes e vitoriosos em fases anteriores de desenvolvimento e conflito geopolítico assim como para as nações periféricas e recentemente industrializadas – há tantas incertezas óbvias sobre a continuação de tendências existentes e relações no futuro. Análises concebidas de forma amplamente histórica prometem possibilidades para a compreensão de como padrões passados e trajetórias alternativas podem ser relevantes, ou irrelevantes, para escolhas presentes. Assim, sociologia histórica feita com excelência pode falar realmente de forma mais significativa com relação a preocupações da vida real do que os estudos focados de forma mais estreita que se gabam de sua “relevância política”.¹⁴

Agendas de Pesquisa na Sociologia Histórica

As questões e respostas clássicas de Weber, Marx, Tocqueville, Durkheim e outros naturalmente vivem na empreita contemporânea da sociologia histórica. Isso acontece, em parte, porque as respostas dos fundadores para as questões importantes que eles fizeram sobre seu próprio tempo e o anterior não foram nunca corretas ou completas. Ainda mais, acontece porque as idéias dos fundadores continuam a servir corretamente como marcas frutíferas para muito da teoria sociológica. Ainda é sinal da vitalidade contínua da sociologia histórica, do século XX até o presente, que novas questões e idéias, além da letra ou do espírito dos fundadores, sempre são feitas

¹⁴ Por exemplo, a sociologia histórica de Charles Sabel sobre as relações industriais do século XIX ao presente oferece um senso vivo de possibilidades de políticas alternativas no presente para as democracias capitalistas avançadas, incluindo os Estados Unidos. Veja: C. Sabel, *Work and politics*, 1982; e Piore & Sabel, *The second industrial divide*, 1985.

por sociólogos com visão e vontade para compreender estruturas e transformações sociais do ponto privilegiado de seu próprio tempo e lugar.

Os nove pesquisadores cujos trabalhos de uma vida e maiores projetos constituem o foco dos capítulos nesse livro operam no terreno compartilhado com os fundadores. A maior parte das principais obras dos pesquisadores discutidos aqui, de *A Sociedade Feudal* e *A História Rural Francesa* de Marc Bloch a *As Origens Sociais da Ditadura e da Democracia* de Barrington Moore, e de *A Grande Transformação* de Karl Polanyi a *O Moderno Sistema Mundial* de Immanuel Wallerstein, continuam a explorar os antecedentes, a natureza e as conseqüências das revoluções democráticas originais da Europa.¹⁵ No entanto, os problemas específicos abordados são freqüentemente distintos daqueles dos fundadores e com certeza são oferecidas respostas novas.

A industrialização inglesa, a Revolução Francesa e a burocratização alemã são, alguém diria, os eventos e processos que preocuparam os fundadores. A preocupação básica que eles compartilhavam era a de conceituar o aspecto distintivo e a dinâmica da industrialização capitalista e da democracia em contraste com outras ordens da vida social. Entre os estudiosos pesquisados aqui, Reinhard Bendix, Perry Anderson, E. P. Thompson e Charles Tilly esboçaram suas questões e suas respostas quase completamente nessa agenda clássica. Bendix e Anderson apóiam-se nos argumentos de Weber sobre a burocratização e a transformação dos regimes políticos. Thompson retrabalha as idéias marxistas essenciais sobre a industrialização e a formação da classe trabalhadora na Inglaterra. Tilly prova a tensão entre as explicações oferecidas por Durkheim e Marx, para as formas mutáveis do conflito de grupos que acompanharam as revoluções européias, a criação de Estados e o desenvolvimento capitalista. Ainda assim, cada um desses sociólogos históricos contemporâneos oferece novas misturas e contrapontos para os argumentos clássicos e cada um posiciona seus métodos distintos para a mediação entre as teorias e os fatos históricos.

Além desses quatro, os estudiosos do século vinte avançam em suas questões assim como argumentos e formas de chegar até eles. *A Grande Transformação*, de Karl Polanyi não lida apenas com o estabelecimento da sociedade capitalista de mercado na Inglaterra, mas também com as crises nacionais e internacionais da ordem do mercado, do início até meados do século XX. A agenda histórica de Marc Bloch foca

¹⁵ As citações completas dos livros que eu menciono estão nas notas e bibliografias dos capítulos que lidam com o respectivo autor (vide Skocpol, T. *Vision and Method in Historical Sociology*, 1984). N. T. Em português, encontram-se as seguintes edições dos livros abordados por Skocpol: M. Bloch, *A Sociedade Feudal*, 1987; B. Moore Jr, *As Origens Sociais da Ditadura e da Democracia*, 1983; K. Polanyi, *A Grande Transformação*, 2000; I. Wallerstein, *O moderno sistema mundial*, 1990; Perry Anderson, *As Linhagens do Estado Absolutista*, 1985; E. P. Thompson, *A formação da classe operária inglesa*, 2002. Infelizmente, não há nenhuma tradução dos livros de Bendix e de Eisenstadt, também analisados por Skocpol. O primeiro livro de Charles Tilly traduzido para o português foi: *Coerção, capital e Estados europeus*, 1996.

principalmente os padrões feudais europeus e franceses como válidos para sua própria compreensão. De três formas diferentes, S. N. Eisenstadt, Immanuel Wallerstein e Barrington Moore Jr buscam abarcar e explicar nos mesmos termos conceituais boa parte da história não ocidental com a história ocidental. O livro mais importante de Eisenstadt *The Political Systems of Empires* analisa a emergência e os destinos de longo prazo de impérios burocráticos históricos através da história. Wallerstein explora as origens, a estrutura, a história e projeta o fim da economia capitalista mundial. Moore investiga os padrões e o significado moral dos caminhos alternativos que estados agrários seguiram até o mundo moderno. Esses objetos grandes levaram Eisenstadt, Wallerstein e Moore muito além das estratégias de Marx e (até) de Weber de usar o mundo não-ocidental principalmente para validar, por contraste, os argumentos sobre o dinamismo especial do Ocidente.

Os capítulos que seguem levam a sério os problemas particulares explorados pelos nove pesquisadores, pois seus argumentos e métodos certamente não podem ser compreendidos separados das questões que eles colocam e de suas razões individuais que explicam o interesse em responder a essas questões. Assim, os autores investigam seus assuntos de formas diferentes não apenas porque autores escrevem sob seus pontos de vista particulares, mas de forma mais fundamental porque cada sociólogo histórico importante é (ou foi) preocupado com um grupo distintivo de problemas que forma sua agenda de pesquisa durante a vida. Ainda, alguns temas em comum emergem nos falando sobre as qualidades especiais compartilhadas por esses pesquisadores, e dos desafios teóricos e metodológicos similares que todos eles encararam em suas pesquisas e escritos.

Pontos de observação privilegiados para pensar grande

No século XX, as ciências sociais ocidentais centraram-se em universidades e associações profissionais. Tanto a pesquisa quanto o ensino foram, como se diz, institucionalizados em um conjunto de disciplinas especializadas e, com freqüência, em compartimentos bem estreitos ou tecnicamente focados dentro dessas disciplinas. Ainda assim, as obras sem especialidade estrita de cada um dos nove homens aqui examinados foram celebradas nos mundos institucionais da ciência social acadêmica. Associações profissionais concederam seus mais altos prêmios para livros de Bendix, Eisenstadt, Anderson, Wallerstein e Moore e as listas de leitura de cursos de graduação e pós têm, repetidamente, dado lugar de honra aos livros *A Sociedade Feudal* de Bloch, *A Grande Transformação* de Polanyi, *Os Sistemas Políticos dos Impérios* de Eisenstadt, *Trabalho e Autoridade na Indústria* de Bendix, *As linhagens do Estado Absolutista* de Anderson, *A Formação da Classe Operária Inglesa* de Thompson, *A Vendéia* e mui-

tos artigos teóricos ou quantitativos de Tilly, *O Moderno Sistema Mundial* de Wallerstein e *As Origens Sociais da Ditadura e da Democracia* de Moore.

Ainda mais, muitos desses pesquisadores tentaram e conseguiram obter grande influência institucional dentro da Academia: Bloch ajudou a fundar a internacionalmente prestigiada escola francesa dos *Annales* e obteve o mais cobiçado prêmio na vida acadêmica francesa: uma cadeira professoral em Paris. Eisenstadt tem hegemonia germânica na Universidade Hebraica, foi professor visitante nas mais prestigiosas universidades do mundo ocidental e participa em toda conferência internacional relacionada com seus interesses amplos. Bendix, um professor na Universidade da Califórnia em Berkeley, é honrado por sociólogos estabelecidos, cientistas políticos assim como historiadores e ganhou visibilidade profissional suficiente para ser eleito presidente da Associação Sociológica Americana. Tilly atraiu grandes quantias em financiamento de pesquisas com o passar dos anos, construiu um importante centro de pesquisa na Universidade de Michigan e serve como um porteiro profissional em três ou quatro disciplinas. Wallerstein recebe amplo prestígio internacional comparável ao de Eisenstadt e tem manejado corporificar sua perspectiva do sistema mundial em um centro de pesquisa e em uma revista na Universidade Estadual de Nova York em Binghamton, em conferências anteriores em um círculo de universidades pelos Estados Unidos, e em uma seção da Associação Americana de Sociologia que controla várias sessões para cada encontro anual.

Apesar dessas evidências de sucesso acadêmico e profissional, cada um dos nove estudiosos tem sido, em algum sentido, marginal ou oposto a formas acadêmicas de se fazer as coisas. Suas marginalidades ou oposição têm sido intimamente relacionadas como causa e efeito à habilidade deles formularem questões maiores do que a maioria dos cientistas sociais jamais sonhou formular. Por sua vez, fazer grandes questões os levou às várias misturas da teoria geral, análise histórica totalizadora ou comparativa e sensibilidade a detalhes contextuais e de processos temporais que tornam seus feitos acadêmicos tão interessantes.

A conexão entre uma marginalidade oposicional genuína com relação à academia estabelecida, e a formulação de grandes questões e descobrimento formas não ortodoxas de buscar as respostas é mais óbvia – e certamente mais claramente sublinhada nos capítulos subseqüentes – para aqueles pesquisadores que também foram esquerdistas politicamente engajados. Karl Polanyi foi, e Perry Anderson, E. P. Thompson e Immanuel Wallerstein são socialistas comprometidos de uma forma ou de outra, ainda que, significativamente, nenhum desses quatro tenha sido permanentemente associado com qualquer partido comunista ou socialista estabelecido. De acordo com Bloch e Somers, Polanyi escreveu *A Grande Transformação*, “o livro que uniu todos os temas de uma vida” para esse humanista socialista, como uma

“intervenção política consciente... para influenciar a forma do mundo pós-Segunda Guerra Mundial”.¹⁶ E Polanyi completou essa obra de mestre *antes* de mudar para um nicho acadêmico mais especializado em antropologia econômica.

Anderson não seguiu uma carreira acadêmica regular em nenhum sentido. Como Fullbrook e eu afirmamos, ele formulou suas questões e respostas “totalizantes” na sociologia histórica de forma associada ao seu esforço para reorientar a vida intelectual socialista revolucionária na Grã-Bretanha através da *New Left Review*. Similarmente, como Kay Timberger elabora, E. P. Thompson não se tornou um historiador com a pós-graduação em uma universidade. Ele concebeu todos os seus projetos de estudos mais importantes não no curso de uma carreira professoral regular, mas sim com o envolvimento na educação de trabalhadores adultos e no Grupo de Historiadores Comunistas de 1946-1956, seguido pela participação na Nova Esquerda Britânica depois de seu rompimento com o Partido Comunista e culminando agora em sua entrada na cruzada pelo desarmamento nuclear. Em geral, essa trajetória deixou Thompson livre para perseguir assuntos intensos e politicamente relevantes com gosto polêmico e descompromissado, desafiando convenções acadêmicas estreitas. *A Formação da Classe Operária Inglesa* reflete essa liberdade quer em seu formato grandioso quer em seus argumentos detalhados.

Diferentemente de Polanyi, Anderson e Thompson, Immanuel Wallerstein seguiu uma carreira acadêmica; assim, sua situação é talvez a história mais reveladora de marginalidade entre os esquerdistas. A intenção de Wallerstein em estudar e conceituar o sistema mundial moderno do capitalismo tem sido, segundo Ragin e Chiot, fundamentalmente política. Eles contam a história fascinante do movimento de distanciamento, passo a passo, de Wallerstein da teoria da modernização e do empiricismo em direção à abordagem mais holística e histórica corporificada na perspectiva do sistema mundial. Para seu doutorado e seus primeiros livros, Wallerstein estudou as primeiras esperanças e as dores do parto das nações africanas descolonizadas, depois ele viveu algumas das batalhas mais intensas da rebelião estudantil dos anos 1960. Simultaneamente, ele trocou o papel de leal estudante de pós-graduação de Columbia para a desconfortável posição de um jovem professor associado que (do ponto de vista do *establishment* de Columbia) simpatizava demais com estudantes novos esquerdistas. Assim, no próprio ponto intelectual em que ele chegou à sua visão do sistema mundial, lançou seus projetos históricos mais importantes e “estabeleceu para si mesmo a tarefa de se tornar o porta-voz acadêmico e promotor da visão da história mundial por trás das ideologias revolucionárias do Terceiro Mundo”; a vida universitária de Wallerstein na Columbia University se tornou

¹⁶ Para esta citação do capítulo de Block & Somers sobre Polanyi, assim como outras citações dos capítulos seguintes, não considero necessário dar as referências (vide o livro do qual faz parte este texto de Skocpol).

“crescentemente desagradável” e ele abandonou sua posição lá. Desde 1975, a talvez inevitável relação entre o pensamento grandioso politicamente esquerdista de Wallerstein e sua marginalidade em relação aos centros mais ortodoxos da vida acadêmica e profissional foi muito bem expressa por sua construção semiperiférica através do Braudel Center em Binghamton e através da Economia Política da Seção Sistema Mundial da Associação Sociológica Americana.

De certa forma, a questão de como distâncias são ganhas das ortodoxias acadêmicas se torna ainda mais interessante quando nos distanciamos daqueles pesquisadores que combinaram explicitamente o estudo e a política esquerdista para aqueles cujos envolvimento extra-acadêmicos, ainda que freqüentemente importantes (pensem no trabalho de Bloch na Resistência Francesa), surgiram em formas mais aceitáveis para seus *establishments* acadêmicos nacionais. Participar do governo, ou de atividades militares durante emergências nacionais legítimas ou se engajar no jornalismo intelectual e fazer discursos sobre aspectos de interesse geral para públicos educados são, afinal de contas, formas inteiramente respeitáveis de envolvimento político acadêmico. Sem dúvida elas contribuem para uma certa amplidão de visão acadêmica, mas dificilmente nos dão uma visão suficiente dos pontos de observação privilegiados alcançados por Bloch, Eisenstadt, Bendix, Tilly e Moore. Parece-me que vários fatores relacionam-se para cada um desses estudiosos.

As carreiras de Marc Bloch e Charles Tilly revelam os compromissos especiais de um pensamento incomum para dois pesquisadores que eventualmente se tornaram modelos bem sucedidos de projetos de pesquisa coletiva nos centros acadêmicos estabelecidos. Bloch finalmente “chegou” a uma posição em Paris, onde recebeu originalmente sua formação, mas suas idéias altamente não ortodoxas sobre métodos de historiografia e seu senso cosmopolita e transnacional incomum do escopo apropriado para o estudo da Europa medieval germinaram enquanto esse homem de família judia com raízes na Alsácia era um professor na Universidade de Estrasburgo, uma universidade alsaciana considerada completamente periférica no sistema acadêmico francês assim como fora antes no sistema alemão. Bloch, além disso, extraiu (de forma seletiva e cuidadosa como mostrou Chirot) idéias sociológicas para ampliar sua agenda de questões e explicações históricas.

Décadas mais tarde, nos Estados Unidos, como observa perspicazmente Lynn Hunt, Charles Tilly criaria uma agenda ampla e temporalmente profunda para sua sociologia histórica usando simultaneamente métodos de arquivo para fazer história francesa e técnicas estatísticas quantitativas para testar hipóteses sociológicas e desenvolver uma teoria inovadora da violência política coletiva. Além disso, enquanto a base de pesquisa eventual de Tilly era em uma importante universidade americana e num departamento de sociologia líder, sua mistura de história francesa e sociologia

quantitativa o relegou a um departamento menor como primeiro emprego, depois ele fez pós-graduação em Harvard durante a era de domínio de Talcott Parsons, não sob a supervisão de Parsons, mas sim de George Homan e Barrington Moore. (Mais tarde, Harvard trouxe Tilly de volta como professor visitante, mas depois, para seu desapontamento, falhou em mantê-lo como professor efetivo). Tilly tem sido o mais próximo de uma vida acadêmica normal entre todos os estudiosos avaliados neste livro. Ainda assim, sua tentativa, desde o início de sua carreira, de combinar assuntos e métodos centrais para mais de uma disciplina o manteve nas margens disciplinares quer da sociologia quer da história, mesmo que isso tenha permitido a ele e seus estudantes se colocarem nos limites mais inovadores das ciências sociais norte-americanas das duas últimas décadas.

Hamilton e Rueschemeyer não nos dizem praticamente nada sobre as biografias e carreiras de Eisenstadt e Bendix, preferindo se concentrar nas instâncias intelectuais críticas que eles desenvolveram com relação ao funcionalismo estrutural, o paradigma que dominou a macrossociologia americana para a geração intelectual deles. Tanto Eisenstadt quanto Bendix se tornaram professores estabelecidos; ainda assim, ambos extraíram conceitos de Weber e estudos históricos comparativos para criticar Talcott Parsons. Buscando as raízes de seus exemplos críticos não creio que poderíamos ignorar o fato de que ambos vieram de origens judias europeias. Como o outro grande centro-europeu, Polanyi, Eisenstadt e Bendix foram exilados políticos do que era antes da Segunda Guerra Mundial a arena mais civilizada da alta cultura no Ocidente. Ambos também receberam educação muito cosmopolita e variada em estilo europeu de alto nível. Portanto, Eisenstadt e Bendix carregaram suas próprias compreensões de idéias e história europeias para os debates sociológicos internacionais. Além disso, a posição universitária mais importante de Eisenstadt tem sido em Israel, aquele destacado lar de intelectuais que são ao mesmo tempo cosmopolitas e familiarizados com as ortodoxias ocidentais e inescapavelmente conscientes de que nem toda a história mundial acontece em nações grandes e centrais.

Finalmente, Barrington Moore nunca foi um emigrante internacional, mas ele se tornou, de certa forma, um outro tipo de exilado. Baseado no tipo de autoconfiança criada por origens privilegiadas, por uma associação segura com universidades de elite e por uma educação nos clássicos, incluindo grego e latim, Moore se tornou um imigrante internacional longe das distrações da construção de uma carreira na academia norte-americana, deliberadamente desistiu da influência profissional que ele teria tido se tivesse ansiado por cadeiras departamentais, construir seu próprio centro de pesquisa, promover as carreiras dos orientandos e formular as agendas de revistas e associações profissionais. Ainda que tenha lecionado em Harvard e tenha tido como base o Centro de Pesquisa Russa naquela universidade até sua aposentadoria recente,

Moore deixou o Departamento de Relações Sociais há muitos anos e, portanto, se tornou afiliado apenas nominalmente com o Departamento de Governo. O único compromisso de Moore mantido com a pedagogia universitária em Harvard foi no Programa de Estudos Sociais, um programa interdisciplinar de elite dedicado (como o curso no qual muitos dos fundadores do programa ensinaram, “Soc. Sci. 2” na Graduação na Universidade de Chicago) a ensinar os clássicos da teoria social moderna: Marx, Weber, Durkheim e Freud. Além disso, Moore sempre insistiu em uma vida marcadamente privada.

A agenda de estudos de Moore, como Dennis Smith mostra, tem sido tão destacada por sua busca embasada de preocupações intelectuais e morais consistentes assim como por seu fôlego. Os livros de Moore são escritos em profunda solidão – por exemplo, num iate nas águas do Maine – com a crítica apenas de Elizabeth Moore e uns poucos amigos ou associados. Pensando em si mesmo como um artesão intelectual em uma era de pesquisa burocratizada, Moore trabalhou individualmente ou em pequenos grupos apenas com estudantes de pós e de graduação cuidadosamente selecionados. Ele apresentou a eles não uma teoria ou método, mas seus próprios padrões exatos de pesquisa cuidadosa e seu senso de que a busca de respostas para questões grandes e humanamente significativas é tudo que interessa na vida da mente.

Críticas Históricas do Funcionalismo, do Economicismo e do Evolucionismo

Claro que pensar grande e abordar análises sociais historicamente não precisam necessariamente vir juntos. Durante as décadas em que nossos nove estudiosos trabalharam, os grandes paradigmas do estruturalismo funcionalista parsoniano, a economia liberal e o determinismo-econômico marxista dominaram muito do discurso acadêmico sobre estruturas sociais e mudança socioeconômica. Repetidamente, nos capítulos seguintes, vemos como os mais importantes estudiosos discutidos aqui moldaram seus argumentos em parte ou completamente como resposta crítica às generalizações abstratas oferecidas por proponentes de uma ou mais dessas perspectivas. Para muitos desses pesquisadores, a própria forma de seus estudos históricos parece ter sido determinada significativamente por diálogos com teorias grandiosas existentes. Para outros, a preocupação com problemas históricos em si tem sido básica e seus diálogos críticos com as teorias gerais têm sido, dessa forma, mais nuanciados.

Os capítulos em Eisenstadt, Bendix, Anderson e Thompson fornecem um fascinante conjunto de *insights* sobre as formas paralelas pelas quais esses estudiosos tentaram introduzir variedade e particularidade histórica nas grandes teorias.

Eisenstadt e Bendix orientaram a si mesmos para o funcionalismo estrutural enquanto Anderson e Thompson se engajaram em críticas do economicismo e evolucionismo marxista. O que acho especialmente interessante não são as similaridades desses pares, mas os paralelos entre Eisenstadt e Anderson, por um lado, e Bendix e Thompson, por outro.

Eisenstadt e Anderson são críticos amigáveis, respectivamente, do funcionalismo estrutural e do marxismo. Cada um está determinado a usar a perspectiva teórica básica para explicar estruturas de larga escala e desenvolvimentos de longo prazo e cada um está igualmente comprometido a usar a variedade do acervo histórico mundial para criticar sobretudo as leituras usuais da teoria. Não por acaso, Eisenstadt escolhe conceituar e explicar “impérios burocráticos históricos”, o que cabe mal em uma moldura simples de modernização que opõe sociedades tradicionais a modernas. Similarmente, Anderson lida com “o Estado absolutista”, o qual tem sido uma fonte de controvérsia para marxistas incapazes de decidir se ele era feudal ou capitalista.

Ambos os pesquisadores procedem para conceituar os períodos históricos particulares e os regimes políticos que os interessam, assim como o que Gary Hamilton perspicazmente chama de “configurações na história”. Essas são construtos sistêmicos definidos por Eisenstadt em termos de “nível de diferenciação” e “modos de integração societal” e definidas por Anderson como “modos de produção” e padrões de “dominação de classe e luta de classes”. Depois de feito esse trabalho conceitual é possível lidar com **aspectos** da história mundial em termos das estruturas e dinâmicas postuladas pelo funcionalismo ou pela teoria marxista. Eisenstadt lida com um importante tipo de regime sócio-político, o império burocrático. Anderson lida com a trajetória dinâmica e central da história européia ocidental em contraste com outras histórias. No entanto, nem Eisenstadt nem Anderson afirmam que toda a história ocidental pode ser abarcada em um único esquema de estágios sociais ou em uma única lógica de mudança.

Predominantemente porque ambos são, de forma incomum, sensíveis aos significados subjetivos e à variedade cultural na história, Reinhard Bendix e E. P. Thompson são mais céticos do que Eisenstadt e Anderson a respeito da utilidade do funcionalismo estrutural e das teorias marxistas para explicar padrões históricos. Contudo, eu sustentaria que Bendix e Thompson também permanecem orientados nas respectivas grandes teorias. Eles procedem criticando casos históricos particulares dos conceitos teóricos, do que encontrando formas inteligentes para criar conceitos e proposições funcionalistas estruturais básicos e marxistas, para explicar tipos sociais e mudança de longo prazo.

A obra de Bendix se tornou, como mostra Dietrich Rueschemeyer, crescentemente preocupada simplesmente com contrastar descritivamente casos históricos uns com os outros. De acordo com Bendix, o funcionalismo estrutural e as teorias da modernização generalizam demais padrões de estrutura e mudança aplicando conceitos (freqüentemente versões dos conceitos de Weber) que são etnocêntricos e que inevitavelmente falham em capturar a particularidade completa da história de cada país, mesmo dentro do ocidente. Portanto, Bendix advoga a transformação de idéias teóricas em tipos ideais otimamente, em pares polares de “concepções contrastantes” como “autoridade contratual” versus “fidelidade individual”. Tais conceitos podem ser utilizados como pontos de referência para ajudar na caracterização acurada de casos históricos. Desta forma, Bendix evita generalizações excessivas, e realmente alcança explicação como tal, em favor do uso de idéias teóricas puramente como balizadoras sensíveis para cada caso de discussão histórica.

De formas análogas, E. P. Thompson usa idéias teóricas como modelos em seu estudo *A Formação da Classe Operária Inglesa*. Noções econômico-deterministas de classe, ou de argumentos estreitamente econômicos sobre como trabalhadores supostamente foram afetados pela industrialização, são introduzidos por Thompson para dramatizar seus fracassos em capturar as dimensões culturais, políticas e subjetivas dos eventos através dos quais a classe operária inglesa foi criada e criou a si mesma. Thompson não tenta substituir velhas teorias gerais por uma nova e mais rigorosa, pois ele vê seus próprios conceitos teóricos como meios “elásticos” para iluminar os particulares de cada caso histórico. “Eles não impõem uma regra, mas aceleram e facilitam a interrogação da evidência ainda que freqüentemente se constate que cada caso se inicia, neste ou naquele particular, a partir da regra” (THOMPSON, 1978, p.237). Da mesma forma, a discussão de Kay Trimberger dos argumentos “dialéticos” de Thompson lembra uma das preferências de Bendix pelo uso de concepções contrastantes para sensibilizar a si mesmo para combinações de tendências opostas em casos particulares.

Assim, Eisenstadt e Anderson por um lado, e Bendix e Thompson pelo outro, reagiram de formas diferentes aos desafios de colocar frente a frente grandes teorias e variedade histórica. Nota-se, no entanto, que os quatro estudiosos permaneceram bem engajados em seus respectivos diálogos com as grandes teorias. Eles estiveram tão engajados nesses diálogos, que os argumentos que desenvolveram sobre problemas históricos não foram especificações ou recriações de idéias funcionalistas estruturais e marxistas, nem asserções de que a complexidade, a particularidade e o significado subjetivo de casos históricos não podem ser abarcados pelas grandes teorias em questão. Eu afirmaria que nenhum desses pesquisadores usou a confronta-

ção de teorias existentes com a história para gerar um novo conjunto de generalizações explicativas.

Immanuel Wallerstein e Charles Tilly têm se mantido engajados em diálogos críticos com grandes teorias, assim como os quatro pesquisadores discutidos acima. Mas esses sociólogos históricos indubitavelmente têm usado a confrontação da teoria com a história para gerar novos argumentos teóricos.

Wallerstein usou críticas históricas das teorias da modernização e o evolucionismo marxista quase que exclusivamente para o propósito de imaginar um novo grande paradigma para substituir os velhos desacreditados. Essa visão surgiu na discussão profunda de Ragin e Chirot da sociologia histórica de Wallerstein do sistema capitalista mundial. Determinado a substituir teorias generalizantes que conceituam a mudança social como séries de estágios pelos quais todas as nações passam, e ainda não querendo se render a uma história ou jornalismo puramente ideográficos, Wallerstein postulou o sistema mundial capitalista como uma única totalidade. Esta totalidade é para ser compreendida simultaneamente pela teorização sobre sua estrutura e sua dinâmica e pela reconstituição da história do sistema como um todo, de sua emergência nos tempos modernos recentes até o presente. De acordo com Wallerstein, as várias histórias das regiões, nações, classes e pessoas também precisam ser completamente exploradas em todas as suas concretudes e variedades, mas não com o uso de métodos da análise causal transnacional associada para ele com a teoria da modernização. Ao contrário, pesquisas e comparações dessas histórias servem, como Ragin e Chirot colocam, “para ilustrar traços gerais do sistema mundial” como um todo. Para Wallerstein, as antinomias entre generalização teórica e análise histórica são superadas de uma vez por todas com a perspectiva do sistema mundial.

O fio da sociologia histórica de Charles Tilly durante as duas últimas décadas pode ser entendido como um diálogo com Durkheim e seus sucessores intelectuais modernos, os funcionalistas estruturais e teóricos da “privação relativa”. A discussão é sobre as conexões entre processos de longa duração, como comercialização, industrialização, urbanização e a emergência dos Estados nacionais, e as formas e objetivos mutáveis da ação coletiva, incluindo ações violentas. Em outras palavras, como Wallerstein, Tilly tem disputado a sabedoria sociológica de seu tempo, mas com certeza ele perseguiu esse objetivo de forma diferente. Ao invés de apresentar um novo grande paradigma teórico e fazer reinterpretções históricas em termos de suas regras conceituais, como observa Lynn Hunt, Tilly montou bases de dados quantitativos para longos períodos históricos, especialmente da história francesa. Ele bombardeou as bases de dados com hipóteses causais alternativas, algumas delas propositalmente deduzidas das premissas durkheimianas e da modernização, ou-

tras desenvolvidas do modelo de “mobilização política” para explicar a ação coletiva imaginada pelo próprio Tilly (em parte com base em premissas marxistas).

Especialmente nos últimos anos, Tilly teve mais uma grande batalha teórica – ao menos uma batalha de rótulos e conceitos – com teorias da modernização. Ele começou a insistir que não existe algo como mudança social em geral quer para nações ou para sistemas mundiais. Ao contrário, há processos de época tais como os processos de criação de Estados e da acumulação capitalista que refizeram o mundo moderno durante as últimas centenas de anos. A tarefa do sociólogo histórico é analisar as relações entre esses processos de época e testar suas conseqüências para formas de ação de grupo (TILLY, [19--]). No entanto, até agora Tilly mesmo só tentou isso para uma história nacional. Ele realmente não generalizou a respeito de estruturas macroscópicas ou tendências através de análises históricas comparativas de formas comparáveis a seu uso das comparações intranacionais de grupos, regiões e períodos de tempo para chegar a generalizações sobre as causas da ação coletiva.

Se olharmos em retrospecto para os seis pesquisadores que acabamos de abordar, é chocante como todo trabalho histórico deles foi permeado por suas polêmicas com os funcionalistas estruturais e teóricos da modernização ou com marxistas econômico-deterministas e evolucionistas. De formas variadas, todos esses sociólogos históricos têm sido levados pela teoria. Talvez isso seja mais claro para Eisenstadt, Anderson e Wallerstein, mas acho que também vale para os outros, mesmo que as formas que eles, respectivamente, escolheram para discutir com grandes teorias tenha incitado Tilly a fazer análise quantitativa de dados e levado Bendix e Thompson a renunciarem ao próprio objetivo da generalização explicativa em nome de caracterizações significantes e interpretações de histórias particulares. Anderson, Bendix, Eisenstadt, Thompson, Tilly e Wellerstein perseguiram seus estudos históricos em relação próxima, ainda que crítica, com os paradigmas macroteóricos dominantes da sociologia contemporânea.

Desenvolvendo Explicações para Padrões Históricos

Diálogos críticos com grandes teorias a-históricas também são importantes na obra de Karl Polanyi, Marc Bloch e Barrington Moore Jr., ainda que cada um desses três pesquisadores pratiquem, antes de mais nada, análise social histórica de uma forma que eu chamaria de **orientada por problemas**. O objetivo básico não é retrabalhar nem revelar a inaplicabilidade de uma perspectiva teórica existente, nem gerar um paradigma alternativo para substituir tal perspectiva. Ao contrário, o obje-

tivo básico é perceber padrões históricos, usando no processo quaisquer fontes teóricas que pareçam úteis e válidas.

Como explicam Block e Somers, muito da pesquisa de Polanyi foi devotada para criticar as excessivas generalizações da economia liberal ou do determinismo econômico de certos marxistas e, em seu lugar, para desenvolver conceitos que permitiriam análises de instituições econômicas historicamente variadas nos contextos sociais completos em que elas funcionavam. No entanto, em *The Great Transformation*, a obra que Block e Somers denominam a mais importante contribuição de Polanyi para a sociologia histórica, o objeto de explicação foi um processo mundial-histórico específico: a emergência e a crise eventual da “sociedade de mercado” capitalista do século dezanove, centrado na Grã-Bretanha. De forma similar a Wallerstein, ainda que numa escala diferente, Polanyi deparou com o desafio de explicar um único caso, uma única totalidade de estrutura e processo. Block e Somers nos dizem que Polanyi usou uma “metáfora orgânica de desenvolvimento errôneo” para ajudá-lo a conceitualizar a emergência e desenvolvimento-em-crise da sociedade de mercado. Eles ainda apontam que Polanyi constantemente avançou e retrocedeu da metáfora para argumentos causais concretos referentes a seqüências particulares de eventos históricos na Grã-Bretanha e na cena internacional, pois ele sabia, nas palavras de Block e Somers, que a “metáfora só pode operar como uma heurística; ela não pode ser usada para carregar o argumento”, assim como o modelo do sistema mundial de Wallerstein parece fazer com muita freqüência. De qualquer forma, esse contraste entre Wallerstein e Polanyi é facilmente compreensível quando percebemos que o objetivo de Wallerstein é o desenvolvimento de um paradigma capaz de substituir a teoria da modernização, enquanto o objetivo de Polanyi em *The Great Transformation* era compreender de forma unificada um conjunto concreto de instituições e eventos.

O primeiro e o último pesquisador discutidos nos capítulos desse livro, Marc Bloch e Barrington Moore, me parecem muito similares a Polanyi e, em especial, um ao outro, no espírito e nos métodos de suas obras históricas. Ambos são teoricamente bem informados e ecléticos. Chirot aponta que Bloch conheceu e se baseou nas idéias sociológicas da escola de Durkheim assim como em idéias marxistas sobre classes. Smith nos fala sobre o desejo de Moore de emprestar idéias do funcionalismo estrutural e do evolucionismo assim como, de forma mais óbvia, de Marx e Weber. Além disso, como todos os outros pesquisadores, Bloch e Moore são críticos das teorias excessivamente abstratas e baseadas em um determinismo de fator único mesmo que nenhum deles gaste muito esforço discutindo com, ou tentando substituir, tais teorias. Ao invés disso, ambos estão mais comprometidos em compreender realidades históricas importantes e, em geral, simplesmente ignoram totalmente teorias que não se-

jam úteis sem se importar com quão na moda elas estejam. Para imaginar boas questões a serem feitas para a história, assim como boas respostas para explorar com várias formas de evidências, Bloch e Moore aceitam a ajuda de quaisquer proposições teóricas que eles possam emprestar de outros, ou inventar eles mesmos, no processo de suas investigações históricas. Ambos usam a análise histórica comparativa como uma de suas técnicas primárias para examinar hipóteses e explorar padrões de causas históricas.

Chirot escreve que o compromisso de Bloch “era dizer a nós o que aconteceu e explicar por que”. Como um historiador, seu interesse reside em entender a sociedade medieval européia como uma totalidade significativa encontrando as fronteiras temporais e espaciais dentro das quais prevaleceram padrões relativamente duráveis e regulares da vida econômica, social, política e cultural. Na visão de Bloch, a tarefa das teorias era “apenas ajudar o historiador a procurar por melhores evidências sobre o passado”, incluindo evidência de fontes que não são usualmente encontradas por historiadores. As comparações entre padrões regionais ou nacionais poderiam ser tão úteis para rejeitar falsas explicações genéricas e adquirir um sentido acurado de seqüências causais particulares para casos dados assim como para gerar generalizações causais válidas que poderiam ser aplicadas para mais de uma instância.

Mais como um sociólogo do que um historiador, Barrington Moore é naturalmente mais interessado do que Bloch em usar evidências históricas para desenvolver argumentos gerais. Ele procura generalizações, por exemplo, sobre “rotas” alternativas para estados agrários alcançarem o mundo moderno e sobre as reações humanas a situações sociais injustas, mas mesmo quando ele coloca um objeto abstrato para investigar, tal como o último mencionado, Moore sempre se move rapidamente para instâncias históricas concretas. Como Bloch, ele afia seu senso de conexões causais particulares e gerais com a exploração de casos históricos e de comparações de aspectos relevantes de casos similares e diferentes. Dennis Smith observa que, em *Social Origins of Dictatorship and Democracy*, “a discussão de Moore de cada caso nacional é pontuada com referências cruzadas detalhadas e sutis a outras sociedades. Essas referências são trazidas não como mero adorno, mas como material essencial para um argumento que está sendo construído diante dos olhos do leitor”. Quando Moore aborda um caso particularmente difícil do ponto de vista de seu próprio argumento geral emergente, ele prefere despendar tempo extra nele, por exemplo, com a Índia, em *Social Origins*, do que o abordando de forma insatisfatória ou o ignorando como outros analistas poderiam fazer.

Ambos, Bloch e Moore, estão mais interessados no uso ou desenvolvimento de generalizações explicativas do que Bendix ou Thompson, ainda que possíveis ganhos teóricos do tipo de abordagem deles possam parecer muito mais modestos e restritos

do que os obtidos por, digamos, Wallerstein ou Eisenstadt. Essa impressão poderia ser enganosa. Daniel Chirot argumenta que Marc Bloch foi capaz de sugerir “uma regra geral importante da mudança social” com o seu estudo comparativo do que pode parecer um problema histórico muito secreto: as variações intra-européias das crenças sobre o “toque real”, a capacidade de curar atribuída aos reis. Ainda que o argumento de Bloch “não tenha se prestado à construção de uma teoria carnal”, ele é, afirma Chirot, o mais “escrupuloso estudo de um caso de rotinização do carisma”. Chirot enfatiza que os resultados generalizáveis desse estudo podem “permitir àqueles que estudam outros períodos e tempos colocar questões interessantes e sugerir respostas experimentais”. Com certeza, isso é o que qualquer teoria macrosociológica deveria fazer. Também pode ser tudo o que ela pode aspirar fazer.

Na avaliação final, sociólogos que orientam suas problemáticas historicamente, como Marc Bloch e Barrington Moore, podem nos dizer mais sobre estruturas sociais e mudança social do que sociólogos históricos que retrabalham, ou que argumentam com, paradigmas teóricos excessivamente genéricos. Esta é minha percepção de uma das lições mais importantes que podem ser aprendidas pela comparação dos feitos dos pesquisadores. Quaisquer que sejam as avaliações que alguém venha a fazer de suas forças e defeitos, cada um dos estudiosos extraordinários que estamos prestes a encontrar encarou sem retroceder este desafio. Cada um, também, enfrentou o desafio com sucesso admirável. Juntos, eles enriqueceram de forma incomensurável a tradição duradoura da pesquisa sociológica baseada em “uma extensão histórica de concepção e um uso completo de materiais históricos”.

Referências:

- ABRAMS, P. **Historical sociology**. Ithaca: Cornell Univ. Press, 1982.
- ALEXANDER, J. **Theoretical logic in sociology**. Berkeley: California Univ. Press, 1982-1984.
- ALMOND, G. A ; POWEL Jr., G. B. **Comparative politics: a developmental approach**. Boston: Brown, 1966.
- ALMOND, G. A. A developmental approach to political systems. **World Politics**, v.16, p.183-214, 1965.
- ANDERSON, P. **As linhagens do Estado absolutista**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- ANDERSON, P. **Considerations on western Marxism**. London: New Left Books, 1976.
- BELLAH, R. Durkheim and history. **American Sociological Review**, v.24,n.4, p.447-61, 1959.

- BELLAH, R. N. **Tokugawa religion**: the values of pre-industrial Japan. Boston: Beacon Press, 1970.
- BENDIX, R. **Max Weber**: an intellectual portrait. Garden City: Doubleday Anchor, 1960.
- BENDIX, R. **Work and authority in industry**. Berkeley: California Univ. Press, 1974.
- BLOCH, M. **A sociedade feudal**. Lisboa: Edições 70, 1987.
- BUKHARIN, N. **Historical materialism**. Ann Harbor: Michigan Univ. Press, 1969.
- BURAWOY, M. Introduction: the resurgence of Marxism in American sociology. In: BURAWOY, M. ; SKOCPOL, T. (Ed.). **Marxist inquiries: studies of labor, class, and states**. *American Journal of Sociology*, v.88, supplement, p.1-30, 1980.
- COLLINS, R. **Conflict sociology**: toward and explanatory science. New York: Academic Press, 1975.
- COLLINS, R. Weber's last theory of capitalism: a systematization. *American Sociological Review*, v.48,n.6, 1980.
- DEUTSCH, K.W. Social mobilization and political development. *American Political Science Review*, v.55, p.493-514, 1961.
- GIDDENS, A. Capitalism and modern social theory. *American Sociological Review*, v.45,n.6, 1980.
- GIDDENS, A. **Capitalism and modern social theory**. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1971.
- GRAMSCI, A **Selections from the prison notebooks**. New York: International Publishers, 1971.
- HOBBSBAWN, E. J. Karl Marx contribution to historiography. In: BLACKBURN, R. (Ed.). **Ideology in social science**: readings in critical social theory. New York: Vintage Books, 1973.p.265-83.
- HOBBSBAWN, E. J. From social history to the history of society. *Historical Studies Today*, v.100,p.20-45, 1971.
- JONES, G. S. From historical sociology to theoretical history. *British Journal of Sociology*, v.27,n.3,p.295-304, 1976.
- KRIEGER, L. The uses of Marx for history. *Political Sciences Quarterly*, v.75, p.355-78, 1960.
- LEVY Jr., M. J. **Modernization and the structure of societies**. Princeton: Princeton Univ. Press, 1966.
- LIPSET, S. M. **Agrarian socialism**. Berkeley: California Univ. Press, 1950.
- MILLS, C. W. **The sociological imagination**. New York: Oxford Univ. Press, 1959.

- MOORE Jr., B. **As origens sociais da ditadura e da democracia**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- NISBET, R. **The sociological tradition**. New York: Basic Books, 1966.
- PARSONS, T. **Societies: evolutionary and comparative perspective**. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1966.
- PARSONS, T. **The social system**. Glencoe: Free Press, 1951.
- PARSONS, T. Evolutionary universals. **American Sociological Review**, v.29, p.339-57, 1964.
- PIORE, M. ; SABEL, C. **The second industrial divide**. New York: Basic Books, 1985.
- POGGI, G. **Images of society: essays on the sociological theories of Tocqueville, Marx, and Durkheim**. Stanford: Stanford Univ. Press, 1972.
- POLANYI, K. **A grande transformação**. São Paulo: Campus, 2000.
- RAGIN, C. ; ZARET, D. Theory and method in sociological research: two strategies. **Social Forces**, v.61,n.3,p.731-54, 1983.
- RICHTER, M. Comparative political analysis in Montesquieu and Tocqueville. **Comparative Politics**, v.1, p.129-60, 1969.
- ROTH, G. Max Weber's comparative approach and historical typology. In: VALLIER, I. (Ed.). **Comparative methods in sociology**. Berkeley: California Univ. Press, 1971.p.75-96.
- SABEL, C. **Work and politics: the division of labor in industry**. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1982.
- SKOCPOL, T. **Vision and method in historical sociology**. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1984.
- SMELSER, N. Alexis de Tocqueville as comparative analyst. In: VALLIER, I. (Ed.). **Comparative methods in sociology**. Berkeley: Univ. California Press, 1971.p.19-48.
- SMELSER, N. J. ; WARNER, R. S. **Sociological theory: historical and formal**. Morristown: General Learning Press, 1976.
- SMELSER, N. J. Mechanism of change and adjustment to change. In: HOSELITZ, B. F. ; MOORE, W. E. **Industrialization and society**. Hague: The Mouton, 1963. p.32-54.
- STALIN, J. **Dialectical and historical materialism**. New York: International Publishers, 1940. Reimpressão de: Franklin, B. (Ed.) **The essential Stalin: major theoretical writings 1950-52**. Garden City: Doubleday Anchor, 1972.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

THOMPSON, E. P. The poverty of theory. In: _____ . **Poverty of theory and other essays**. London: Merlin press, 1978.p.237.

TILLY, C. **Big structures, large processes, huge comparisons**. New York: Russel Sage Foundations, [19-].

TILLY, C. **Coerção, capital e Estados europeus**. São Paulo: Ed. USP, 1996.

WALLERSTEIN, I. **O moderno sistema mundial**. Lisboa: Afrontamento, 1990.

WARNER, R. S. The methodology of Marx's comparative analysis of mode of production. In: VALLIER, I. (Ed.). **Comparative methods in sociology**. Berkeley: California Univ. Press, 1971.p.49-74.

ZARET, D. From Weber to parsons and Schultz: the eclipse of history in modern social theory. **American Journal of Sociology**, v.85,n.5, p.1180-201, 1980.

— ** —

RESUMO: O texto aborda o início e os desdobramentos da tradição da sociologia histórica durante o século XX. Parte da análise do eclipse parcial dos estudos históricos durante o período de hegemonia do funcionalismo e das teorias da modernização para depois empreender uma síntese do processo de resgate da tradição histórica a partir da obra de nove estudiosos: Marc Bloch, Perry Anderson, E. P. Thompson, Barrington Moore, Karl Polanyi, Immanuel Wallerstein, Reinhard Bendix, Charles Tilly e S. N. Eisenstadt.

PALAVRAS-CHAVE: Sociologia; história; funcionalismo; imaginação.

ABSTRACT: The text deals with the beginnings and the development of sociology historical tradition. It starts with an analysis of the partial eclipse of historical studies during the hegemony of functionalism and modernization theories, but its central subject is the re-emergence of the historical tradition in the works of nine scholars: Marc Bloch, Perry Anderson, E. P. Thompson, Barrington Moore, Karl Polanyi, Immanuel Wallerstein, Reinhard Bendix, Charles Tilly e S. N. Eisenstadt.

KEYWORDS: Sociology; history; functionalism; imagination.